



**Londres,
segunda metade do século XIX,
inverno.**





Mr. Brown



O crime não escolhe lugar ou temperatura, mas sempre encontra na alma gelada um lugar para florescer. E se a primavera é a época dos enamorados, o outono embrutece os trabalhadores e o verão abençoa os molengas, é no inverno que os crimes se tornam mais doloridos. E para as vítimas indefesas, os invernos ingleses pareciam cada vez mais longos.

Mas nem todas as vítimas aceitavam seu destino sem protestar.

Em Chelsea, um bairro operário a oeste de Londres, as passadas largas de um cavalheiro de sapatos marrons, polainas e uma estranha bengala cujo topo fora esculpido no formato de uma cabeça de corvo, cortavam a sujeira malcheirosa das ruas enlameadas. Um pouco atrás do cavalheiro, botas pequenas e sujas o perseguiram. Os sapatos marrons moviam-se rapidamente, mas as botas não os perdiam de vista. Quando alcançaram uma rua mais larga, o dono das botas recuperou o fôlego e gritou:

— Pare! Pare, ladrão!

O grito fino e carregado de sotaque produziu pouco efei-

to. Em uma metrópole como Londres, roubos e furtos eram cometidos tão frequentemente e por homens e mulheres tão desesperados que, ao contrário do que o pequeno garoto poderia imaginar, a única reação da população foi afastar-se, encarándo-o com um misto de pena e raiva.

Mas o garoto, recém-chegado a Londres e muito jovem para perceber tais coisas, não desistiu e voltou a correr, gritando:

— Alguém parar este ladrão! — disse novamente, trocando as palavras e conjugações à medida que ficava mais bravo.

A insistência deu algum resultado e algumas pessoas se afastaram do cavalheiro de sapatos marrons, olhando-o com curiosidade e desconfiança, mas ninguém deu atenção ao garoto. O passo do cavalheiro, no entanto, não se alterou. Ele continuou andando mesmo quando ouviu o inconfundível apito de um policial que se aproximava para ver o que estava provocando aquela gritaria logo ao final do seu turno.

O policial atravessou a rua pisando firme, ignorando a sujeira acumulada. A neve dos últimos dias misturara-se ao lixo e aos dejetos dos milhares de cavalos que circulavam pela capital do Império Britânico. O resultado era uma lama enegrecida e fedorenta que escorria pelas ruas e calçadas, forçando muitos moradores a andarem com lenços perfumados junto ao nariz.

O guarda apitou uma segunda e uma terceira vez e, finalmente, o homem dos sapatos marrons parou. Agora já não era mais possível ignorar a multidão que o observava. Ele se virou com uma expressão de genuíno espanto em seu rosto, no qual se pronunciava um grande maxilar, e aguardou a chegada do policial com as duas mãos depositadas sobre a bengala com a cabeça de corvo.

As botas compridas do soldado se aproximaram rapidamente, um cassete girando nas mãos e uma expressão de poucos amigos enfeitando sua face. Seu uniforme era uma

bagunça, mal-arrumado e pequeno demais para ele. A sujeira havia se acumulado de tal maneira sobre o casaco que formava uma espécie de segunda pele, cheirando à cerveja velha.

O garoto os alcançou, quase sem fôlego, e uma pequena multidão parou para observar o policial e seus vastos bigodes, o cavalheiro e suas polainas impecáveis e o pequeno rapaz, com os olhos e cabelos negros muito brilhantes e uma expressão de genuína fúria.

— O que está acontecendo aqui, senhor? — perguntou o policial, se dirigindo ao cavalheiro.

O garoto deixou escapar uma exclamação malcriada e gritou antes que o homem dos sapatos marrons pudesse responder:

— Ele ser um ladrão! Devolver meus planos! — disse, apontando para a pasta que o cavalheiro segurava. As palavras saíam rápidas e erradas, mostrando que o menino, fosse quem fosse, não era familiarizado com o inglês.

O guarda o encarou, notando as calças curtas, o casaco sujo e as faces muito brancas. Um boné velho escondia os cabelos negros e um par de olhos brilhantes. Com um suspiro de desagrado, ele se virou para o cavalheiro.

O homem dos sapatos marrons piscou por um momento, aparentando grande surpresa. Ele balançou levemente a cabeça, numa expressão de pena, e se dirigiu ao policial:

— Não sei o que dizer, realmente. Estes são apenas alguns projetos que estive discutindo com um colega engenheiro.

O policial deixou escapar um olhar enviesado para o garoto. Ele tinha combinado uma partida de dominó com um colega em um pub próximo e já estava atrasado. O sabor de uma caneca de cerveja surgiu em seus lábios ressecados pelo frio.

Enquanto isso, outro rapaz, mais alto e esguio, afastou-se da multidão e se aproximou. Suas vestes elegantes denunciavam um endereço residencial distante, no mínimo, uns dois bairros dali. Ele ouvia cada palavra com grande atenção e foi



o único a notar a teimosa lágrima que correu quando garoto voltou a acusar:

— Ele ser um ladrão!

O homem dos sapatos marrons, longe de parecer insultado, continuava olhando para o garoto baixinho com um ar de pena.

— Veja, meu bom homem — continuou ele, dirigindo-se ao policial. — Quando deixei meu amigo, este garoto começou a me perseguir. Cá entre nós, acho que ele tem algum parafuso solto, se é que está me entendendo...

A observação pareceu ter caído como uma pequena bomba no coração do garoto, que, em desatino, avançou contra o homem dos sapatos marrons com as duas mãos, tentando puxar a pasta.

— Seu mentiroso! Isso ser meu! Ele roubou de mim!

A reação do policial foi imediata. Ele agarrou o garoto com violência e o atirou para o lado com um safanão, derrubando-o e espalhando lama para todo lado. De forma surpreendente, o garoto saltou do chão um segundo depois, como se estivesse pronto para a briga.

O policial girou o cassete na frente dos olhos do rapaz:

— Parado aí, moleque! — cuspiu, irritado. — Ou vai levar uma sova aqui mesmo, está entendendo?

O garoto não era louco o suficiente para tentar brigar com o policial. Bufando, ele encarou o cavalheiro com os dois punhos cerrados como um boxeador.

O homem dos sapatos marrons apenas balançou a cabeça tristemente:

— Eu não quero criar caso, policial. É óbvio que o garoto é perturbado. Possivelmente retardado. Veja, não tenho nada a esconder — disse, abrindo a pasta e mostrando os documentos ao soldado.

O policial passou os olhos pela série de anotações técnicas e cálculos, algo que ele deduziu ser necessário para construir

uma máquina de algum tipo. O homem dos sapatos marrons sorriu:

— Estes não são os desenhos de um garoto, não é mesmo?

O policial concordou com um aceno da cabeça, ao que o rapaz soltou uma segunda exclamação de espanto antes de avançar novamente. Desta vez, só foi contido a duras penas. O policiou precisou tapar sua boca com a mão para impedir uma série particularmente imaginativa de insultos.

O garoto debatia-se nos braços do policial, mas o soldado era corpulento e muito mais forte. Com um aceno, ele dispensou o cavalheiro:

— O senhor pode ir. Vou providenciar para que o moleque não o perturbe mais.

O rapaz das vestes elegantes, que observava tudo a uma distância segura, franziu o cenho, enquanto sentia a garganta secar. O pequeno garoto estrangeiro continuava a se debater com grande energia, sem entender a gravidade da sua situação. Um menino acusado de roubar ou perturbar um cavalheiro em Londres tinha poucas chances de ver a luz do dia pelos próximos anos. O juiz poderia mandá-lo a um dos muitos e sujos orfanatos da região e, neste caso, ele poderia ser considerado um sujeito de sorte. Mas se tais lugares estivessem lotados, o que era bastante comum, ou se fosse velho o suficiente, ele poderia ser mandado a um dos barcos que recrutavam grumetes nos portos de Londres ou, pior, a algum curtume da metrópole. Poucos sobreviviam à experiência.

A multidão perdeu o interesse quando o cavalheiro foi embora, os rostos duros ignorando o espetáculo pobre. Um ladrãozinho sendo preso representava pouca coisa naquele inverno rigoroso, de poucas moedas e muito frio. O policial gritou algo para o rapaz, tentando mantê-lo quieto, mas o garoto parecia terrivelmente perturbado e continuou se debatendo até que...

— AI!

O policial levantou a mão, mirando-a sem acreditar enquanto percebia o nítido contorno dos dentes do garoto, que havia cravado uma bela mordida na carne do guarda parrudo. Quando ele falou, seus olhos brilhavam de cólera:

— Seu pivete desgraçado! — berrou, acertando um tapa no garoto que fez sua cabeça pender para trás. — Agora você vai ter a lição que merece!

Ele arrastou o garoto para frente, afastando a multidão com o cassetete enquanto se dirigia a um dos becos imundos.

O rapaz de trajes elegantes sabia que não havia um segundo a perder. Era óbvio que o garoto levaria uma surra pela impertinência e, pela expressão malévola do policial, o resultado da sessão de espancamento poderia ser desastroso. Ele se aproximou com passos rápidos, endireitando o terno bem cortado e passando uma mão nos cabelos para retirar os flocos de neve.

— John! — gritou, modificando completamente as feições, deixando para trás a face preocupada e parecendo aliviado.

— John — repetiu ele. — Finalmente! Onde você estava?

Os dois encararam o jovem e era difícil saber quem parecia mais espantado. O policial espiou as vestes elegantes do rapaz recém-chegado, notando seu nariz fino e os olhos penetrantes, e o abordou, utilizando um tom de voz cauteloso:

— Conhece este moleque, jovem senhor?

O rapaz reagiu com admiração à pergunta:

— É claro! Seu pai me pediu que o procurasse. Ele não conhece muito bem Londres e temia que o seu filho se perdesse — explicou, inventando uma mentira enquanto esquadrihava o policial.

Com um piscar de olhos, ele conseguiu ler o distintivo na lapela e notou as manchas de cerveja que se espalhavam como pintas no uniforme do guarda.

— É oficial Peter, não é? — perguntou, em tom confidencial.

O guarda abriu a boca, espantado, mas o rapaz não lhe deu chance de falar:

— Bem, oficial Peter, preciso lhe confessar algo. O pai do meu amigo John acabou de chegar do estrangeiro. Ele e meu pai estão discutindo negócios no Banco de Londres e eu... bem, supostamente deveria estar cuidando do garoto.

Ele abriu um sorriso amarelo e constrangido, o qual o oficial respondeu apenas com um fungado e um sinal para que o rapaz continuasse.

— Eu me distraí por um momento e ele se perdeu. Estive procurando-o nas últimas horas. É um verdadeiro alívio, sabe? Seu pai tem amigos na embaixada irlandesa e seria uma coisa terrível se o garoto se perdesse.

O policial abriu a boca para falar, mas novamente o rapaz o deteve, aproximando-se do garoto:

— Então, John? Está tudo bem? Você se lembrou de tomar os seus remédios?

O garoto olhou assustado para o rapaz e estava prestes a abrir a boca para responder quando percebeu o seu olhar penetrante. De forma astuta e bem devagar, ele apenas balançou a cabeça negativamente.

O jovem colocou as mãos no peito, consternado:

— Ah, John! Você sabe como fica sem os seus remédios, não sabe?

Com um sorriso amarelado, ele se virou para o policial, girando lentamente um dedo junto à cabeça, ao que o oficial concordou com um manear da cabeça.

— Oficial Peter, em nome do meu pai, agradeço-lhe muito por você ter encontrado o meu amigo. Aqui tem alguns pennies. Tome uma caneca de cerveja em nome do meu pai. É a sua bebida favorita, não?

O policial abriu a boca novamente:

— Sim, realmente, mas como...

— Pode deixá-lo comigo — disse o jovem, pegando o ga-

roto delicadamente pelo braço. — Vou levá-lo até seu pai. O senhor não o verá mais.

O policial ainda segurou o garoto por mais um momento e, então, tomando uma súbita decisão, largou-o de forma ostensiva e girou o cassete de forma ameaçadora:

— Muito bem! Vá andando, moleque. E não me deixe pegá-lo vagando por aqui novamente, ou passará uns bons dias na cadeia!

— Sim, senhor — respondeu o garoto. — Não vou...

O policial cumprimentou rapidamente o jovem e se afastou, com as moedas tilintando nos bolsos.

— ...deixá-lo me pegar — concluiu o garoto, cuspiando no chão.

O seu jovem companheiro sorriu:

— Este é o espírito, John!

O garoto rosnou para ele:

— Meu nome não ser John!

— É claro que não — respondeu-lhe o jovem rapaz, divertido. — Você não tem cara de John.

O jovem pôs-se a andar para fora do beco, seguido de perto pelo garoto. Os dois misturaram-se à multidão que ia e voltava, ocupada demais com seus próprios afazeres para prestar atenção a dois garotos, estivessem eles bem-vestidos ou não. A neve voltou a cair, descendo suave até alcançar os rodamosinhos negros que escapavam das chaminés e do fogo aceso em baldes de ferro que infestavam os becos. No inverno londrino, se manter aquecido era a prioridade número um e milhares de toneladas de carvão e pedaços de madeira eram consumidos todos os anos. Enquanto aristocratas e funcionários bem-sucedidos se aqueciam em suas poltronas junto às lareiras, a grande parte da população empobrecida buscava conforto nos velhos fogões e na busca incessante de qualquer material que pudesse ser queimado.

— Meu nome é Nikola Tesla — disse o garoto estranho, um pouco depois.

O outro rapaz, que havia parado por um momento na frente de uma vitrine encardida que oferecia materiais de qualidade duvidosa para cavalheiros sem dinheiro, se virou para o garoto e o observou com grande atenção. Nikola se sentiu um pouco incomodado. Parecia que havia uma força invisível que irradiava dos olhos daquele rapaz alto e estranho.

— Nikola Tesla — repetiu o rapaz alto, acrescentando: — Recém-chegado da Iugoslávia. Seu pai era alguém ligado à matemática ou às ciências. Sua mãe era religiosa. Ambos estão mortos. E você está com problemas.

Nikola pareceu surpreendido por um momento, mas então o corrigiu:

— Sou sérvio, na verdade. Nascido no Império Austríaco.

O rapaz bateu as mãos, contraindo os músculos da face.

— Era a minha segunda opção — resmungou, parecendo pensativo por uns momentos. — E o resto?

— Meu pai era um padre da Igreja Ortodoxa — respondeu Nikola. — Mas ele sempre gostou de engenharia e matemática e eu estudava com ele. Minha mãe o ajudava na igreja. E sim, eles estar mortos e eu só cheguei em Londres faz algumas semanas. Mas como sabia de tudo isso? É algum tipo de truque?

O jovem balançou a cabeça, parecendo contrariado:

— Acertei três em seis — resmungou. — Não foi a minha melhor performance.

— Parece bastante bom para mim — admitiu Nikola.

O rapaz sorriu e, então, se virou, como que surpreso:

— Que falta de educação a minha. Meu nome é Holmes. Sherlock Holmes.

Ele estendeu o braço e os dois trocaram um forte aperto de mãos.

— E quanto ao que disse antes, não há truque nenhum

— explicou Sherlock. — Primeiro, o seu sotaque. Há um pronunciamento carregado, oriundo do alemão, mas não tão forte quanto o prussiano. Conheci um rapaz iugoslavo na escola e sua fala era semelhante. E as palavras erradas indicam que você está há pouco tempo na Inglaterra.

— Eu não falar tão errado!

Sherlock sorriu de forma bondosa.

— Quanto ao resto, foi preciso um pouco mais de imaginação — admitiu Sherlock. — Suas vestes estão sujas e amarratadas. No entanto, traz um relógio de prata no bolso. É evidente que passa por necessidades, mas se recusa a vender a última lembrança de uma pessoa querida. E você está sozinho, andando com tipos suspeitos e tem um grande apreço pelo relógio. A quem ele pertenceria a não ser ao seu falecido pai?

O garoto lançou um olhar carrancudo para Sherlock.

— Você está certo. Ele morreu no ano passado. Acidente ferroviário na Croácia.

— Li algo sobre o assunto nos jornais — comentou Sherlock, antes de continuar. — Mas apenas a morte do seu pai não o traria até Londres, por isso deduzi que era órfão de mãe também. E o crucifixo que traz em seu pescoço é uma joia tipicamente feminina, herança dela, se não estou enganado.

Os olhos de Nikola se tornaram um pouco mais brilhantes e vermelhos.

— Minha mãe morreu de varíola há muito tempo — admitiu, puxando o crucifixo para fora e o beijando.

Sherlock assentiu antes de continuar:

— Como ainda é muito jovem...

— Vou fazer treze em julho!

— Certo — disse Sherlock, já um pouco irritado pela constante interrupção. — Minha suposição era a de que você tivesse tomado gosto pela engenharia com o seu pai. Não imaginei que ele fosse um homem religioso — admitiu, a contragosto.

Então, depois de um momento pensativo, ele concluiu:

— Finalmente, você estava discutindo com um cavalheiro e um policial por causa de alguns planos. É óbvio que está com problemas.

No entanto, Nikola ainda estava desconfiado:

— E por que me ajudou? Eu não o conheço. Mamãe dizia para não confiar em estranhos.

Sherlock marchava à frente, mas, mesmo assim, o garoto conseguiu perceber o traço de irritação em sua voz:

— Um bom conselho, ainda mais em Londres. Vivi boa parte da minha vida aqui. E se há uma coisa que eu descobri crescendo na capital é que os jovens não são levados a sério. Não somos bem-vindos. Na verdade, poderíamos ser invisíveis que ninguém notaria a diferença.

Ele desviou-se de uma velha senhora sentada num banquinho e que pedia esmolas, coberta de trapos sujos. Nikola fez menção de puxar uma moeda do bolso, mas Sherlock segurou sua mão e o fez andar mais alguns metros:

— Poupe seu dinheiro, meu amigo — sussurrou, virando-se até se encostar junto a uma parede. — Ela não é o que você está pensando.

Um pouco depois, um sujeito de terno xadrez retirou algumas moedas. A velhota ergueu a mão para pegar o dinheiro, murmurando um agradecimento. Sherlock apontou para a cena:

— Você viu? — perguntou, entusiasmado.

— Ver o quê?

Ele soltou um suspiro rápido, mas não havia tempo para maiores explicações. Outra pessoa se aproximava com uma moeda nas mãos.

— Agora, veja lá — disse Sherlock, apontando. — A mão dela ergue-se e a manga vai descer. Viu?

Nikola piscou. Foi tudo muito rápido. A velhota pegou a moeda e a guardou rapidamente. Sim, a manga havia descido, mas ele não tinha visto nada. Só... Talvez... uma mancha azul?

— Era uma tatuagem — elucidou Sherlock, pondo-se a andar novamente, trazendo o garoto em seus calcanhares. — Uma tatuagem em forma de âncora, com dois peixes. Sabe o que isso significa?

— Que ela gostar de rios? — perguntou Nikola, dando de ombros.

— Não — explicou Sherlock, impaciente. — É uma tatuagem de marinheiros. Tenho andado por toda a Londres no meu tempo livre e descobri algumas coisas sobre tatuagens. Principalmente sobre os seus tipos. E agora, o que você pode deduzir? Por que uma velha senhora usaria uma tatuagem de marinheiros?

— Talvez ela ter um filho ou marido marinheiros.

Sherlock pareceu levemente desconcertado e o encarou por um segundo:

— É uma ideia... original, mas prefiro a minha própria dedução. Ela não é uma velha. O que vimos foi um ex-marinheiro fantasiado.

— Por quê?

— Para ganhar esmolas, é claro — respondeu, olhando admirado para Nikola. — Pode-se ganhar uma pequena fortuna com esmolas, se souber aonde ir e a quem pedir.

Nikola balançou a cabeça, incrédulo.

— Isso parecer horrível.

— Londres é horrível — confirmou Sherlock, taxativo. — Mas, onde estávamos? Ah, sim, você queria saber o motivo de minha ajuda, não? Bem, observei você, meu amigo, assim como observei aquela mendiga nos últimos dias. Eu gosto de observar as pessoas e deduzir coisas sobre elas. É um tipo de passatempo. Estimula o cérebro, entende?

Não, na verdade, Nikola não entendia. E se fosse completamente sincero sobre o que estava pensando, teria que admitir que achava que faltavam vários parafusos à cachola do novo amigo.

Enquanto isso, Sherlock continuava seu discurso:

— Deduzi que você falava a verdade. Em ambos os casos, sabia que tinha razão, mas uma questão surgiu em minha cabeça: por que o cavalheiro de sapatos marrons roubou seus planos?

Nikola fitou o seu recém-amigo por um momento. Ele não tinha muita certeza sobre a tal velha ser um ex-marinheiro, mas, pelo menos, o rapagão rico tinha lhe ajudado e, a bem da verdade, não conhecia mais ninguém em Londres para pedir ajuda. Então, contou a sua história.

— Quando papai faleceu, juntei o resto do dinheiro que sobrou e vim para Londres. Perguntando aqui e ali, fiquei sabendo que este tal Mr. Brown comprava invenções. Deixei meu endereço em vários lugares e recebi uma resposta por telegrama, marcando um encontro. Nos encontramos em um pub. Ele dar uma olhada nos planos, pagou pela bebida e simplesmente foi embora.

— Entendo — disse Sherlock, prestando grande atenção. — E o que era aquilo, afinal?

Nikola soprou o ar quente dos pulmões para dentro das mãos frias.

— Um transmissor de vocábulos por ondas etéreas.

Sherlock apenas o observou, com uma expressão intrigada.

Foi a vez de Nikola suspirar fundo:

— É um aparelho que pode transmitir a voz pelo ar.

Sherlock assobiou, erguendo as duas sobrancelhas até alcançar os cabelos bagunçados:

— Um invento impressionante, meu caro! Você o desenvolveu sozinho?

Nikola sentiu as bochechas avermelharem pelo elogio.

— Tive a ajuda do meu pai, mas fiz boa parte dele sozinho.

Sherlock andou mais alguns passos em silêncio, pensativo. Nikola inspirou profundamente e arrependeu-se logo em seguida. Estavam perto de uma das bicas d'água públicas, onde

os londrinos de baixa renda buscavam água e lavavam suas louças. Era um lugar sujo e deprimente, repleto de velhas matronas carregando baldes pesados e bebês de narizes mequENTOS no colo. Ele se afastou de uma jovem que transportava uma pilha de panelas encardidas e malcheirosas e voltou a encarar Sherlock, que parecia muito concentrado.

— Este foi um roubo perfeitamente londrino — disse o rapaz, depois de um tempo.

— Como é?

— Já lhe disse, John...

— Meu nome não é John!

— Que diferença isso faz? — respondeu Sherlock, irritado pela interrupção. — Aqui é Londres. Aqui, os jovens não têm vez. Você tem testemunhas? Registrou o seu invento em algum lugar? É apenas a sua palavra contra a deste Mr. Brown, não é?

Nikola concordou tristemente.

— Então, você não tem como reclamar. Ninguém acreditará em você.

— Mas você acredita — disse Nikola, com um fio de esperança.

Sherlock abriu um sorriso tímido.

— É verdade. Eu acredito — disse, de modo reconfortante. — Mas eu não conto, John — o garoto bufou! —. Mas, se este Mr. Brown roubou o seu projeto...

— Ele está incompleto — interrompeu Nikola, com o primeiro sorriso do dia. — Falta a parte principal. O coesor. Eu não o desenhei nos papéis.

Sherlock alinhou o terno e encarou o rapaz, admirado.

— Bravo, John!

Houve apenas um rosnado por parte de Nikola antes que Sherlock continuasse:

— Muito bem, mesmo. E onde estão os planos para esta peça?

— Com as minhas coisas — respondeu Nikola. — Meus outros planos. Deixar tudo no albergue. E eles sabem onde estou hospedado.

— Isso é ruim — comentou Sherlock, em tom de censura.
— E onde está hospedado?

— Na Cabeça de Arenque. Perto das Docas.

— Um lugar perigoso — murmurou.

O garoto argumentou:

— É ruim de dia, mas à noite é muito pior.

— Tem razão — concordou Sherlock. — Vamos lá. Precisamos pegar o bonde.

E com uma disposição sem igual e cheio de energia, Sherlock atravessou a rua com suas passadas vigorosas, liderando Nikola Tesla pelas ruas de Londres até alcançarem um dos bondes instalados recentemente na capital inglesa. Em pouco tempo, os dois sacolejavam pelos trilhos enlameados, deixando a pobre Chelsea para trás e se aproximando das terríveis e perigosas docas londrinas.

